

## **O uso de gírias na fala de estudantes de uma escola da zona rural no município de Macaíba – RN**

The use of slang in the speech of students of a school in the rural area in the municipality of Macaíba – RN

Variaciones lingüísticas y jergas como fuente de comunicación entre estudiantes de escuela de la zona rural en la provincia Macaíba – RN

Recebido: 15/10/2021 | Revisado: 22/10/2021 | Aceito: 11/11/2021 | Publicado: 16/11/2021

### **Adriano Menino de Macêdo Júnior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6367-1088>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [adrianomenino2016@gmail.com](mailto:adrianomenino2016@gmail.com)

### **Andreza Mirella Enéas de Medeiros**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4724-0522>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [andrezamirella1@gmail.com](mailto:andrezamirella1@gmail.com)

### **Elio Pessoa Cazuza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1722-9744>

Centro Universitário Natalense, Brasil

E-mail: [cazuzaelio@gmail.com](mailto:cazuzaelio@gmail.com)

### **Lucas Gabriel Souza Sales**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0714-2944>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [lucassales@alu.uern.br](mailto:lucassales@alu.uern.br)

### **Pedro Arturo Rojas Arenas**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9279-1174>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [arturoarenas@uern.br](mailto:arturoarenas@uern.br)

### **Suiane Alves De Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6431-4047>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [suiane-alves2011@hotmail.com](mailto:suiane-alves2011@hotmail.com)

### **Resumo**

Este artigo objetiva analisar o uso de gírias por alunos de uma escola da zona rural do município de Macaíba, Rio Grande do Norte, levando em consideração, a luz de Alkmim (2001), algumas variáveis extralinguísticas, para observar a ocorrência ou não desse tipo de variação linguística, tais como: o sexo dos estudantes, a idade, a situação econômica e o contexto social no qual esse tipo de linguagem é utilizada. Recorremos também em nossas discussões ao teórico William Labov (2008), bem como a outros estudiosos importantes que ajudaram a problematizar os resultados da pesquisa. A metodologia aplicada foi a descritiva, que se caracteriza por uma visão transversal com abordagem quali-quantitativa. As variáveis foram apresentadas em gráficos, tabelas, frequência relativa e porcentagem. As análises foram conduzidas no programa Excel e OriginPro 8.5 e revelam que os indivíduos do sexo feminino se mostraram mais atuantes no uso de gírias, ainda que esse resultado contrarie os achados de outros estudiosos com os quais dialogamos em nossas discussões. Quando olhamos para a variável faixa etária, verificamos que os alunos mais jovens se mostram também em evidência ao utilizar em seu cotidiano o uso de e gírias. No que se refere à variável da situação econômico-financeira dos alunos, concluímos que a classe social menos favorecida é a que mais utiliza gírias em seu cotidiano. Por fim, observamos que algumas variáveis determinam ou não o uso das gírias no contexto pesquisado.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação linguística; Gírias; Variáveis extralinguísticas.

### **Abstract**

This article aims to analyze the use of slang by students from a rural school in the municipality of Macaíba, Rio Grande do Norte, taking into account the light of Alkmim (2001), some extralinguistic variables, to observe the occurrence or not of this type of linguistic variation, such as: the gender of the students, the age, the economic situation and the social context in which this type of language is used. In our discussions, we also resorted to theorist

William Labov (2008), as well as other important scholars who helped to problematize the research results. The methodology applied was descriptive, which is characterized by a cross-sectional view with a quali-quantitative approach. Variables were presented in graphs, tables, relative frequency and percentage. The analyzes were conducted using Excel and OriginPro 8.5 and reveal that female individuals were more active in the use of slang, although this result contradicts the findings of other scholars with whom we dialogued in our discussions. When we look at the age group variable, we find that younger students are also in evidence when using e slang in their daily lives. With regard to the variable of economic and financial situation of students, we conclude that the less favored social class is the one that most uses slang in their daily lives. Finally, we observe that some variables determine or not the use of slang in the researched context.

**Keywords:** Sociolinguistics; Linguistic variation; Slang; Extralinguistic variables.

### Resumen

Este artículo implica en la investigación de las variaciones lingüística locales, desde el uso de yergas o expresiones, por alumnos de una escuela ubicada en la zona rural de la provincia del Rio grande do Norte llamada Macaíba, teniendo en cuenta algunas variables importantes para observar si hay o no dicha variación. Esas variables serán en base a Alkmim (2001) tales como sexo de los estudiantes, edad, situación económica, y en el contexto social en el cual el lenguaje de la yerga es utilizada. Utilizamos también en nuestras discusiones el teórico Wiliam Labov (2008), así también como otros teóricos importantes que ayudaron en la construcción del trabajo. La metodología aplicada fue la descriptiva, que se caracteriza por una visión transversal con un abordaje cuali-cantitativa. Las variables fueron presentadas en gráficos, tablas, frecuencia relativa y porcentaje. Las análisis fueron manejadas en el Excel y OriginPro 8.5 y muestran que individuos del sexo femenino obtuvieron el mayor índice en el uso de yergas, aunque en estos resultados se contradice entre los demás resultados antes discutidos. Al analizar las variables edades, podemos observar que alumnos más jóvenes usan más este tipo de lenguaje. Cuanto a respecto de la variable en la categoría sócio-económica, se nota que los que están en condiciones menos favorecidas, son los que más utilizan yergas en su manera de comunicarse. Por lo tanto, observamos que algunas variables determinan o no el uso de la variación lingüística.

**Palabras clave:** Sociolingüística; Variación lingüística; Yergas; Variables extralingüísticas.

## 1. Introdução

Este trabalho, baseado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, objetiva investigar o uso de gírias por alunos de uma escola de zona rural do município de Macaíba, atentando nesse processo aos pressupostos defendidos por Alkmim (2001), que prioriza o tratamento das variáveis importantes para a pesquisa, tais como: o sexo dos estudantes, a idade, a situação econômica, e o contexto social no qual a linguagem da gíria é utilizada.

A relevância do trabalho para o campo da Linguística, de uma maneira geral, e para a Sociolinguística, de uma maneira específica, será explicitada a partir das contribuições acerca de como, no contexto supracitado, a gíria poderá ser utilizada por crianças, jovens e adultos em situações informais de comunicação.

Para a pesquisadora Alkmim (2001, p. 36), “todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas”, ou seja, a língua de uma sociedade sempre é passada para seus descendentes, o que significa dizer que cada dialeto pode ser transmitido por gerações. No que tange às variações da língua, inúmeros fatores podem se relacionar a esse fenômeno: localidade geográfica de determinada comunidade, idade, sexo, etc. No caso específico das gírias, trata-se de um vocabulário que pode ser usado por diferentes classes sociais, podendo caracterizar a identidade de um determinado grupo, como demonstraremos numa discussão sobre o termo em nosso referencial teórico.

A respeito da importância de uma problematização sobre o uso das gírias, referimo-nos a alguns trabalhos que, assim como o nosso, abordam o tema. No primeiro deles, *O uso de gírias: crenças, preconceitos e identidades*, de autoria de Fernanda Cristina Viana e Jéssica Brandet Alves, publicado em 2020, no volume 4, número 1, da *Revista traços da Linguagem*, as autoras discutem o uso de gírias numa associação com a identidade de alguns grupos sociais, destacando também a influência de modismos no processo de criação das gírias e o preconceito linguístico que emerge em torno desse tipo de variação linguística.

Outro estudo, que também problematiza o uso de gírias e que foi objeto de pesquisa na dissertação de mestrado do autor Silva (2009), intitula-se “*Tá ligado? Usos e sentidos da gíria entre estudantes do ensino médio*”. A pesquisa foi realizada junto ao programa de mestrado em Ciências da Linguagem na universidade Católica de Pernambuco. Semelhante a nossa pesquisa, a dissertação aborda o uso de gírias entre estudantes, mas em um contexto de escola privada do município de Recife, atentando para a construção da identidade do grupo social e para as variáveis: a faixa etária, o sexo, e o contexto de uso desse tipo de linguagem.

Por último, citamos outra pesquisa que também dialoga com o nosso tema. Trata-se da dissertação de mestrado de Souza (2018), intitulada de “*Quatro pernas de ponte: um estudo das gírias dos tripulantes da aviação*”, realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esta dissertação apresenta uma temática relevante para corroborar com os nossos resultados, pois Souza (2018, p. 7) analisa “as gírias presentes no dia a dia dos tripulantes da aviação comercial brasileira, buscando entender o seu uso em ambientes diversos, caracterizando-os como um grupo específico e seletivo.” Para o pesquisador, pessoas que falam as mesmas gírias compartilham interesses iguais, valores e ideias comuns. Por ser um signo de grupo, a gíria torna-se um referencial seguido pelos membros desse grupo, tornando-se padrão de comportamento linguístico.

Com base na importância do tema, conforme demonstrado, no desenvolvimento desse texto, problematizamos do referencial teórico, abordando alguns conceitos e discussões pertinentes ao tema deste trabalho. Posteriormente, apresentamos a metodologia, destacando os procedimentos técnicos utilizados nas nossas ações. Depois, expomos e analisamos os resultados que foram coletados a partir de entrevistas e, na sequência, realizamos as considerações finais, a partir de uma conclusão.

## **2. Referencial Teórico**

No desenvolvimento dessa passagem do trabalho, problematizaremos alguns conceitos teóricos relevantes para a discussão do tema da pesquisa e das análises que serão apresentadas. Inicialmente, caracterizamos os estudos no âmbito da Sociolinguística, destacando o objeto de interesse desta ciência da linguagem. Na sequência, realizaremos uma abordagem dos princípios variacionista e, por fim, delimitamos o conceito de gíria, refletindo sobre sua origem e a sua importância para caracterizar a identidade de determinado grupo social.

### **2.1 A Sociolinguística**

Ao longo da história da humanidade, a língua passa por diversas mudanças, que podem ser estudadas e observadas de forma diacrônica e sincrônica pela Linguística. Essas mudanças estão relacionadas a fatores linguísticos e sociais, assim como explica Bardini, Moura & Santos (2021, p. 27), “não existe nenhuma língua humana que não esteja inserida na sociedade.” A corrente da linguística que estuda essa relação da língua e sociedade é a Sociolinguística, que foi fundada por meio dos estudos do linguista estadunidense William Labov, por volta do início da segunda metade século XX.

Labov desconsiderava a corrente do Estruturalismo, pois para ele essa teoria não dava conta de estudar a língua em uso. Nesse sentido, esses estudos possibilitaram o acesso a uma nova concepção de como estudar a língua, considerando a ideia de mudança e transformação, agregando, ao campo da linguística, reflexões sobre os fatores sociais, históricos e culturais que envolvem o processo de comunicação. Assim, com base na variação linguística, a língua se torna objeto de estudo, considerando a interação social e o seu contexto de uso. (Bardini; Moura; Santos, 2021, p. 27).

Esses estudos se tornaram relevantes em meados de 1964, quando houve um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles<sup>1</sup>. O congresso foi um marco importante para a sociolinguística, a qual passou a ser considerada uma corrente de estudos, que busca, desde então, determinar as variações linguísticas em uma comunidade social de falantes, com ênfase no contexto e julgamento social. (Bardini; Moura; Santos, 2021, p. 30). Desde então, a Sociolinguística considera a língua e a sociedade como importantes para se compreender as construções textuais mobilizadas pelo indivíduo nas práticas de linguagem.

Segundo Cortez (2011, p. 67-68), a Sociolinguística aborda noções de que a língua é objeto que desencadeia a ação social. Assim, a linguagem falada ou escrita ocupa “propósitos sociais e culturais”. Nesse sentido e considerando a oposição entre Sociolinguística e formalismo, a autora revela que:

[...] De uma forma geral, as abordagens funcionalistas, especialmente as sociolinguísticas, compreendem a língua estritamente em relação às funções sócio-culturais a que ela se destina, nesse sentido, a forma está sempre associada a uma determinada função dentro de um contexto, macro ou micro, de situação comunicativa. A sintaxe não é autônoma, pois está vinculada a uma visão pragmática da linguagem. Tal perspectiva opõe-se a visão formalista, especialmente ao modelo gerativista, que postula a autonomia da sintaxe em relação à pragmática e compreende a língua como um fenômeno mental, cujos estudos não consideram o contexto/situação. (Cortez, p. 69, 2011).

Conforme observamos nas palavras de Cortez, a Sociolinguística analisa a língua em cada situação de interação verbal, na qual os sujeitos estão envolvidos. Dessa forma, consoante Alkmim (2001), a Sociolinguística deve mostrar a variedade simultânea das variações linguísticas, inclusive se essas se revelarem pelo uso das gírias, como no caso dessa pesquisa. Sendo assim, a partir do uso da língua em um determinado contexto, seria possível verificar as suas múltiplas diferenciações em uma comunidade de falantes, apontando para a identidade social do emissor, “a identidade social do receptor, o contexto social e o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.” (Bright, 1966 apud Alkmim, 2001). Construa um parágrafo de conclusão da seção e de encaminhamento da seção seguinte.

## 2.2 Princípios variacionistas

Consoante apontam Lucchesi e Araújo (2021), em concordância com o que explicitamos no tópico anterior, a Sociolinguística tem como objeto principal de estudo os padrões comportamentais linguísticos que ocorrem em determinada comunidade de fala, os quais serão analisados de forma analítica e deverão conter unidades e regras variáveis. Lucchesi e Araújo adotam dois princípios teóricos para o embasamento da mudança linguística, são eles:

[...] (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso. (Lucchesi; Araújo, 2021).

Os processos que norteiam as mudanças linguísticas ocorrem na comunidade de fala e se revelam importante para a Sociolinguística quando estudadas de forma sincrônica. Para Lucchesi e Araújo (2021), as formas linguísticas existentes na

---

<sup>1</sup> Nesse congresso estavam presentes o inaugurador da sociolinguística William Labov, e outros nomes importantes como John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fishere José Pedro Roma.

comunidade de fala estão sempre em constantes variações, e se configuram em: “coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem).” Assim, essas formas dão origem a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

A respeito dessa discussão é importante abordarmos a noção de “comunidade de fala”, que para os autores supracitados se refere a um grupo de pessoas que compartilham semelhantes formas linguísticas, ou determinado dialeto, como no caso das gírias, responsáveis por identificar certa comunidade e distingui-la de outras. Essas comunidades são formadas porque, como destaca Bakhtin (1998, p. 74), não há uma língua única, e que no decorrer da variação linguística essa língua será sedimentada em “dialeto sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas.”

Essas constantes formas linguísticas podem ser conceituadas como variantes linguísticas: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”, que se divide, de acordo com Lucchesi e Araújo (2021), em dependentes e independentes:

[...] A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, a aplicação da regra de concordância nominal, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes. (Lucchesi; Araújo, 2021).

Considerando os dois grupos de princípios variacionistas, dependente e independente, é que, ainda de acordo com Lucchesi e Araújo (2021), “a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural” e não dissociado dele. Assim, os estudos da Sociolinguística visam compreender o fenômeno variável, como no caso do uso das gírias, concebendo as influências de cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, tais como a classe social do sujeito, o gênero com o qual ele se identifica, a faixa etária e o grau de escolaridade. Assim para Mollica (2003, p. 10), a autora “parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

### **2.3 A Gíria**

De acordo com Valadares (2011, p. 29), a gíria surge como um fato singelo e decorre de uma dinâmica de interação social e linguística inerente às línguas. A autora afirma que a gíria é um termo especial, chegando a ser considerada como signo de grupo, ou seja, esses vocábulos somente são utilizados por uma comunidade social e particular. Assim, de acordo com Viana e Alves (2020, p. 104), o léxico gíria tem o seguinte conceito: “Vocabulário momentâneo e novo, ou antigo que passa a possuir novos sentidos, usado por grupos específicos. Maneira de falar repleta de expressões próprias, gírias, palavras de uso restrito a grupos sociais.” Os pesquisadores ainda citam que a gíria é o “modo de falar marginal, praticamente impossível de ser entendido por outras pessoas, que estabelece uma relação de pertencimento com o grupo.”

Viana e Alves (2020, p. 105) pensam também a gíria como uma espécie de dialeto que pode ser usado em contextos informais de comunicação não apenas por grupos marginalizados, mas por sujeitos de diferentes classes sociais. Nesse caso, as gírias serviriam não apenas aqueles que pertencem a uma classe social menos prestigiada, o que poderia denotar preconceito linguístico. Esses mesmos pesquisadores lembram o sentido figurado da gíria sobre o qual falaremos adiante, pensando a relação de significado desse dialeto com a metáfora.

Ainda sobre o conceito de gíria, Silva (2009, p. 32) refere-se à relação desse tipo de expressão com a linguagem popular. A esse respeito, o estudioso afirma que “a gíria é compreendida como uma ocorrência nascida da linguagem do povo, acontecendo nas tarefas cotidianas, reproduzindo as relações estáveis dos falantes, de acordo com a época e entre os grupos sociais.” Esse pensamento acerca do conceito e da origem da gíria é corroborado por Biderman (1978, p. 161), que igualmente associa esse tipo de dialeto à linguagem popular. Em comum, todos esses teóricos destacam a relação do uso da gíria com a identidade de um determinado grupo social. Tal relação pode ser observada por meio de um levantamento histórico, conforme observa Preti (2006) na seguinte citação:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (Preti, 2006, p. 242).

Dadas às características das gírias é importante que relacionemos esse fenômeno vinculando-o à formação de grupos sociais, pois é comum que pessoas que partilham de atitudes, opiniões e posturas análogas às demais estabeleçam comunicação e convivência. É nesse contexto que surge a formação de grupos sociais, pois, para Horton e Hunt (1981), os integrantes de uma determinada sociedade buscam se relacionar com semelhantes, ainda que sejam de raças ou culturas diferentes, sendo comum que cada grupo crie ou fale suas próprias gírias internas.

Nesses grupos, o sentido da gíria, a sua semântica, está algumas vezes relacionado a uma significação metafórica, porque muitas vezes seu sentido é alterado atribuindo-lhe outra interpretação. Para Cegalla (2008, p. 614), a metáfora “é desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.” Já para Bechara (2004), a metáfora é a mudança nos significados dos termos, no contexto extralinguístico, pode ser definida como expressões metafóricas que exigem o nosso saber sobre as coisas.

Essa relação do sentido da gíria com a metáfora é discutida por Dias (2008) quando o autor destaca a gíria como um tipo de metáfora utilizada em grupos sociais específicos. Assim, em algumas situações, a gíria assume o caráter metafórico, pois é comumente utilizada em determinadas culturas, como uma figura de linguagem que renomeia algo baseado numa característica peculiar de cada objeto, exigindo do interlocutor conhecimento e experiência prévios. Assim, normalmente, a metáfora gíria tem função de atribuir humor, acarretando um sentido cômico, visando atingir melhor efeito na interação social comunicativa. Além dessa relação, a gíria pode evocar outros sentidos, mas que não serão problematizados nos resultados desse trabalho.

### 3. Metodologia

A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Manoel Duarte Filho e utilizou a metodologia descritiva que, de acordo com Gil (2002), se caracteriza pela:

[...] Descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. [...] Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. (Gil, 2002, p. 42).

No caso específico desse estudo, procurou-se descrever os fenômenos relativos às características de um tipo especial de variação linguística, conhecida como gíria, e possivelmente utilizada no cotidiano dos alunos da referida escola, segundo variáveis indagadas no decorrer de uma enquete utilizada para a coleta de dados.

Ainda no que tange à metodologia deste trabalho, utilizou-se como procedimento técnico o estudo de campo, por meio de uma entrevista, na qual os alunos responderam a algumas questões previamente elaboradas pelos pesquisadores. A partir das respostas, avaliamos a amostragem populacional dos alunos na abordagem quali-quantitativa. Gil (2002, p. 53) explica bem esse método, na citação a seguir:

[...] O estudo de campo constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. Nos dias atuais, no entanto, sua utilização se dá em muitos outros domínios, como no da Sociologia, da Educação, da Saúde Pública e da Administração. [...] Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. [...] Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis. (Gil, 2002, p. 53).

Considerando esses pressupostos metodológicos, o presente estudo é considerado descritivo, transversal com abordagem quali-quantitativa, uma vez que classificamos estatisticamente alguns dos dados e resultados. As variáveis foram apresentadas em gráficos, tabelas, frequência relativa e porcentagem. As análises foram conduzidas no programa Excel e OriginPro 8.5.

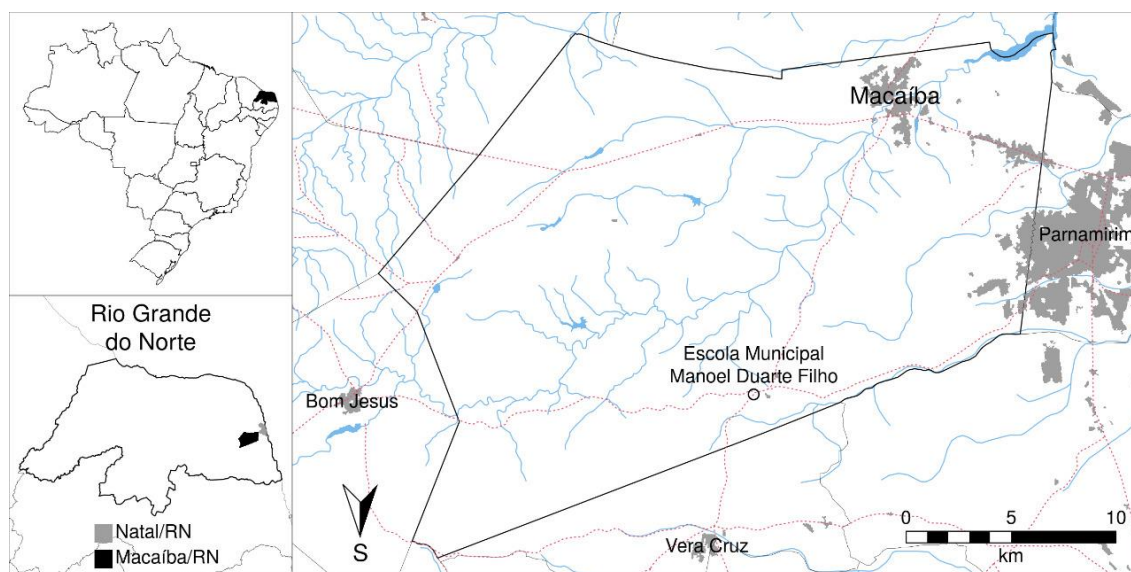
É sabido que, segundo Alkmim (2001), muitos fatores podem influenciar a variação linguística, nesse caso em particular o uso da gíria, por diferentes grupos sociais, de diversas localidades do Brasil, não sendo diferente com o município de Macaíba. Durante a entrevista com os alunos da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, foi feita uma sondagem sobre as seguintes variáveis extralinguísticas: sexo, idade, classe social (perguntamos quantos salários cada família recebe por mês), o grau de escolaridade, e em qual contexto de comunicação a variação linguística foi utilizada.

A autora enfatiza bem como essas variáveis supracitadas podem ter influência direta na variação linguística local. Assim Alkmim (2001, p. 35) diz:

[...] A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (Alkmim, 2001, p. 35).

A comunidade em que realizamos a pesquisa, a Escola Municipal Manoel Duarte Filho, fica localizada na Zona Rural do Município de Macaíba, Estado do Rio Grande do Norte – RN, Região Nordeste do Brasil. A escola dispõe de 9 salas de aulas, sendo 9 turmas do ensino fundamental 1, do 1º ao 5º ano, e 9 turmas do ensino fundamental 2, do 6º ao 9º ano, e mais 5 turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), com aproximadamente 447 alunos nos três turnos. A respeito dessa localização, ver Figura 1:

**Figura 1.** Localização da Escola Municipal Manoel Duarte Filho. Endereço: Barro Vermelho, Distrito Cana Brava, sem número, Zona rural, Macaíba – RN. CEP 59280-000.



Fonte: Autores.

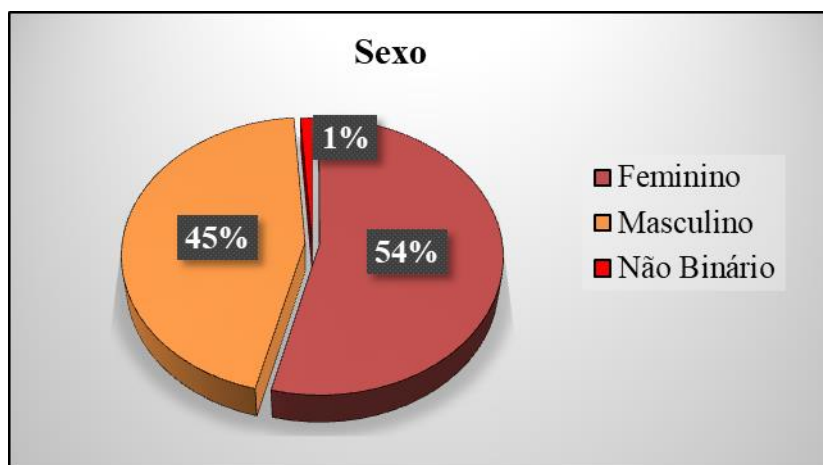
Considerando o contexto da pandemia do *coronavírus* e os protocolos de distanciamento social, o formulário com as perguntas da pesquisa foi entregue aos alunos por meio do Whatsapp, que é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. A enquete ficou disponível durante todo o mês de agosto de 2021, sendo respondida por 178 alunos. Os dados serão apresentados e discutidos na seção seguinte.

#### 4. Resultados e Discussão

Considerando o exposto até o momento, passaremos a apresentar os resultados da pesquisa, problematizando-os. Esses resultados foram obtidos por meio da aplicação de entrevistas, realizadas com alunos da Escola Municipal Manoel Duarte Filho. Do universo de estudantes matriculados na Instituição, participaram um total de 178 alunos, distribuídos no ensino fundamental 1 e 2 e no EJA. A faixa etária dos alunos, que responderam ao questionário, varia de 5 a 80 anos. Nessa amostra supracitada, 54% (n= 96) dos alunos são do sexo feminino e 45% (n= 80) são do sexo masculino, apenas 1 aluno não quis revelar a sua identificação de gênero. Esses dados estão disponíveis no Gráfico 1 e Tabela 1:



**Gráfico 1.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável sexo.



Fonte: Criado pelos próprios autores.

**Tabela 1.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável sexo e faixa etária.

| Idade        | Sexo     |           |             | Sexo (frequência relativa) |           |             | Total |
|--------------|----------|-----------|-------------|----------------------------|-----------|-------------|-------|
|              | Feminino | Masculino | Não binário | Feminino                   | Masculino | Não binário |       |
| 5 a 9 anos   | 9        | 3         | 0           | 75,0%                      | 25,0%     | 0,0%        | 12    |
| 10 a 14 anos | 50       | 35        | 0           | 58,8%                      | 41,2%     | 0,0%        | 85    |
| 15 a 19 anos | 22       | 35        | 2           | 37,3%                      | 59,3%     | 3,4%        | 59    |
| 20 a 29 anos | 8        | 3         | 0           | 72,7%                      | 27,3%     | 0,0%        | 11    |
| 30 a 39 anos | 4        | 3         | 0           | 57,1%                      | 42,9%     | 0,0%        | 7     |
| 40 a 49 anos | 2        | 1         | 0           | 66,7%                      | 33,3%     | 0,0%        | 3     |
| > 80 anos    | 1        | 0         | 0           | 100,0%                     | 0,0%      | 0,0%        | 1     |

Fonte: Criada pelos próprios autores.

A critério de investigação, utilizamos em nosso trabalho as variáveis sexo e faixa etária para observar se elas influenciariam ou não o uso das gírias pelo grupo pesquisado, considerando como esse uso ocorre. Essas mesmas variáveis são discutidas pelo estudo de Zappaz e Pasca (2021). Os pesquisadores concluem que o sexo masculino é mais plausível ao uso de gírias ou outros dialetos. De acordo com o mesmo estudo, a faixa etária também pode influenciar no uso das gírias, determinando que estudantes mais jovens estão propensos a utilizar mais frequentemente esse tipo de linguagem, em detrimento de pessoas mais velhas. Lucchesi e Araújo (2021) corroboram esse pensamento, afirmando, por meio da noção de prestígio do uso da língua, que o público mais jovem apresenta “a maior frequência de uso das formas inovadoras.”

A respeito da importância dessas variáveis, Morelli e Oushiro (2019) apontam que o gênero feminino, geralmente, favorece o uso das variantes “padrões” ou de “prestígios”, apagando “a ocorrência de rotacismo, tepe em ataque e o reflexo

fraco” ou desuso em coda, em palavras com letra “r”. De acordo com os posicionamentos defendidos por Labov (2008), “*Padrões Sociolinguísticos*”, o sexo feminino é apontado também como sendo o público que menos fala formas estigmatizadas, sendo mais sensíveis ao padrão de prestígio quando comparadas ao sexo oposto. O linguista ainda afirma que a mulher de classe média baixa é mais propensa a usar a forma não padrão da língua. (Labov, 2008, p. 281-282).

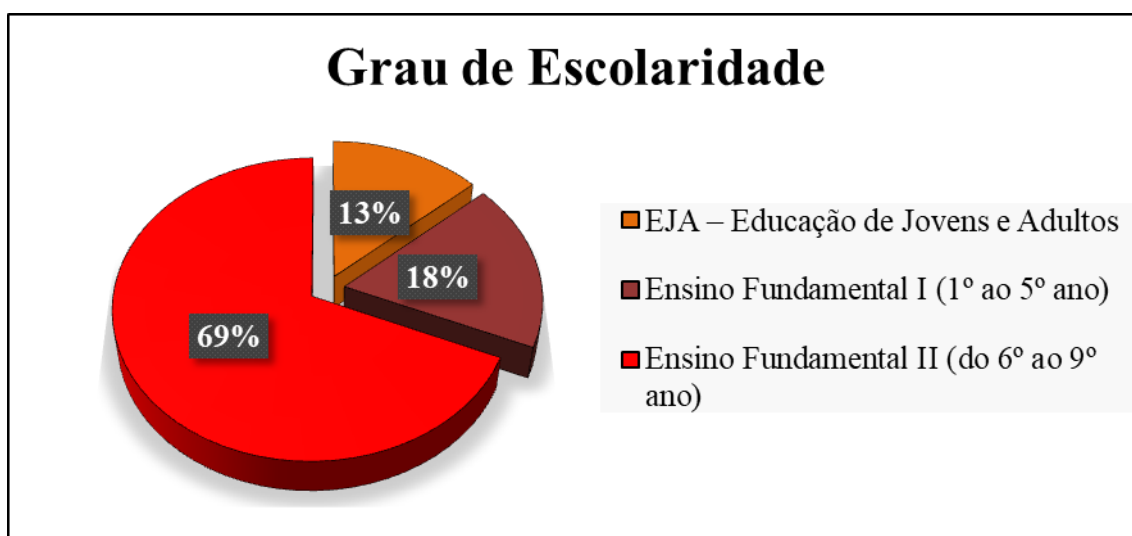
Contrariando as conclusões de Zappaz e Pasca (2021) e Morelli & Oushiro (2019), em nossa pesquisa observamos um percentual maior no uso das gírias pelo sujeito do sexo feminino. Essa constatação, até certo ponto, causa-nos certa surpresa, porque a figura feminina, geralmente, é educada para se comportar de forma mais recatada, isso, possivelmente, se manifestará no uso da linguagem. Por outro lado, o menino recebe uma educação diferente, sendo, normalmente, educado para ser mais desinibido, liberto de padrões sociais, manifestando uma linguagem mais coloquial.

Nesse caso, provavelmente, o sujeito do sexo masculino pode ser mais propenso ao uso de gírias. No entanto, no contexto do universo pesquisado, os dados apresentaram diferenças com o que de costume é encontrado. Talvez essa diferença possa ter relação com as distintas localidades em que as pesquisas foram realizadas. O estudo de Morelli e Oushiro (2019) considerou o papel da variação linguística no município de Piracicaba – SP, Região Sudeste do país; enquanto o de Zappaz & Pasca (2021) observou as variações linguísticas no município de Canoas – RS; e o nosso estudo, em torno específico do uso das gírias, foi executado na Região Nordeste, município de Macaíba, Estado do Rio Grande do Norte, onde possivelmente as mulheres desempenham um papel limitado na vida pública, fato que influencia no uso das formas de prestígio da língua, conforme aponta Labov (1981, p. 184): “mas é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública.”

Alkmim (2001, p. 36) também destaca o uso de gírias a partir de uma associação com o gênero e a faixa etária do sujeito. A autora afirma que “o uso de léxico particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária jovem.”

Outra variável considerada em nosso estudo diz respeito ao grau de escolaridade dos alunados envolvidos na nossa pesquisa. Destacamos que 69% (n= 122) dos alunos compõem o ensino fundamental II, 18% (n= 32) são do ensino fundamental I e 13% (n= 24) fazem parte da EJA, conforme demonstrado no Gráfico 2:

**Gráfico 2.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável escolaridade.



Fonte: Criado pelos próprios autores.

Na pesquisa de Rodrigues e Bazenga (2019, p. 238), na qual os estudiosos comparam o uso da língua portuguesa no contexto brasileiro e no contexto da ilha da Madeira em Portugal, com base na análise do “*Corpus Sociolinguístico do Funchal*”, observou-se que o “uso das variantes pronominais não-padrão ocorre com maior frequência entre falantes mais jovens e de menor nível de escolaridade.” Assim, os nossos resultados, quanto ao uso do dialeto da gíria por indivíduos menos escolarizados, são corroborados pelos pesquisadores supracitados, quando dizem que o uso do pronome *ele* no modo acusativo ocorreu em todas as faixas etárias e em todos os graus de instrução da amostra populacional. Quanto ao “pronome *lhe* como O.D. de 3ª p., somente houve ocorrências na faixa etária inicial e na fala dos madeirenses com apenas o ensino básico.” (Rodrigues; Bazenga, 2019, p. 238).

Deslocando-se da variável relativa à escolaridade, passaremos a problematizar a relação do uso da gíria com a localidade a que pertence os estudantes investigados e com a faixa salarial de cada família. Constatamos que grande parte dos alunos moram na zona rural, representando 92 % (n= 161). Desse total, 54% (n= 97) das famílias vivem com menos de um salário mínimo. Mais além, ficamos sabendo que 33% (n= 67) das famílias vivem com até menos de um salário mínimo, conforme demonstramos na tabela abaixo:

**Tabela 2.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável salário e zona de residência.

|                                  | Residência |             | Residência        |                   | Total |
|----------------------------------|------------|-------------|-------------------|-------------------|-------|
|                                  | Zona Rural | Zona Urbana | Zona Rural        | Zona Urbana       |       |
| Salário                          |            |             | (f <sub>r</sub> ) | (f <sub>r</sub> ) |       |
| <b>Menos de 1 salário mínimo</b> | 90         | 7           | 92,80%            | 7,20%             | 97    |
| <b>1 salário mínimo</b>          | 60         | 7           | 89,60%            | 33,30%            | 67    |
| <b>2 salários mínimos</b>        | 4          | 2           | 83,30%            | 16,70%            | 6     |
| <b>3 salários mínimos</b>        | 2          | 0           | 66,70%            | 10,40%            | 6     |
| <b>Outros</b>                    | 5          | 1           | 100,00%           | 0,00%             | 2     |

Fonte: Criado pelos próprios autores.

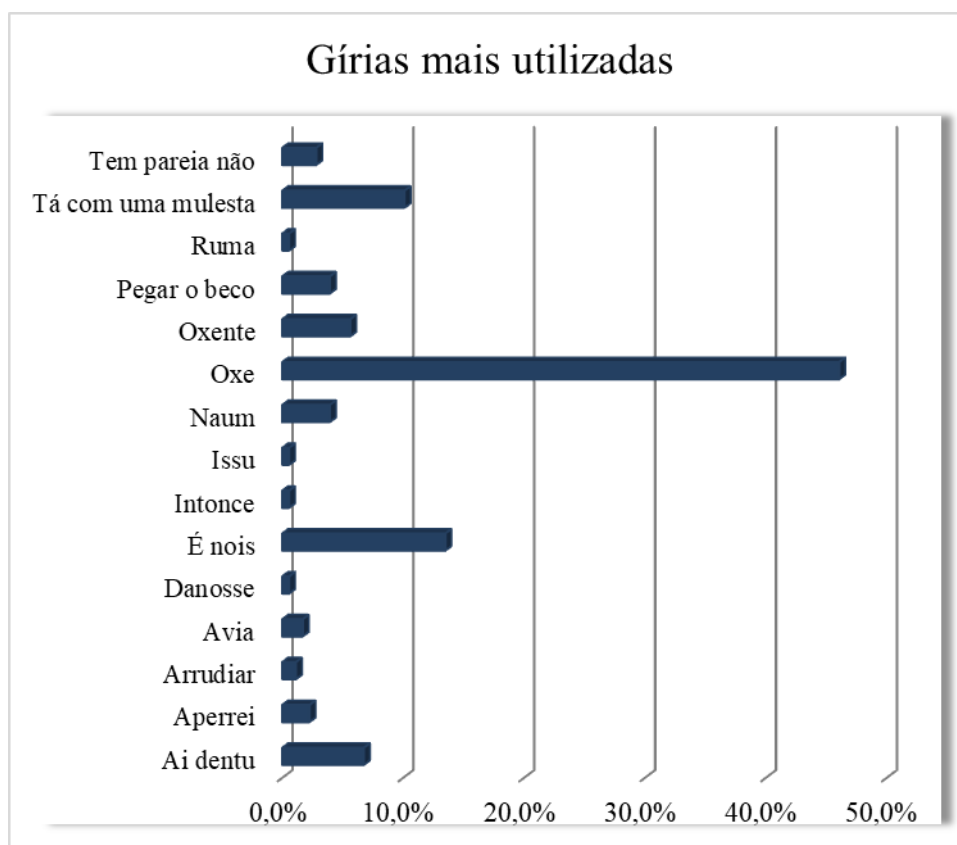
Esses dados relativos à renda das famílias são importantes, pois, para Labov (2008, p. 140), a língua é considerada “como um indicador sensível de muitos outros processos sociais”. O desenvolvimento social não é influenciado pela variação comportamental linguística, tão pouco interfere na perspectiva de vida do sujeito, mas para Labov (2008, p.) a “forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social”.

Diante desse posicionamento Labov (2008, p. 155), utiliza um termo chamado *hipercorreção* para explicar os fenômenos que ocorrem em vários tipos de marcadores variacionista da linguagem em uso. Ou seja, “falantes da classe média baixa vão além do grupo de *status* mais elevado em sua tendência a usar as formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais.” (ibidem, 2008, p?). Muito que provavelmente, mas não poderíamos afirmar categoricamente, essa hipótese justificaria a origem das variações linguísticas ou gírias no contexto da população onde ocorreu a pesquisa. Isso porque, na tentativa de os alunos da escola Manoel Duarte em falar a norma culta da língua, novas variantes podem ter surgido ao longo dos anos, pois para Labov esse comportamento é característico da classe média baixa.

De acordo com Silva (2017, p. 3), a classe social de cada indivíduo pode sim, em sua maioria, ser fator determinante da maneira que falamos. Sendo assim, grupos sociais com condições financeiras favoráveis fazem mais uso da norma culta da língua, em seu cotidiano, pois tem “acesso mais amplo à escolaridade e desfruta de recursos culturais e de cidadania que outros grupos, aqueles situados na base da pirâmide social, pouco têm acesso.” (Silva, 2017) Há também a problemática de que “os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos”. É sabido que o nosso país está em desenvolvimento e que a má distribuição de verbas ocorre em todas as regiões, prejudicando o amplo acesso à educação.

No caso específico dessa pesquisa, trabalhamos com a questão da variação linguística com base no uso das gírias observando as mais utilizadas pelos alunos da Escola Municipal Manoel Duarte Filho. Como demonstraremos no Gráfico 3, as variações linguísticas e gírias mais recorrentes foram: “oxe” (46%, n= 82), “É nois” (13%, n= 24), “tá com a mulesta” (10%, n= 18), “oxente” (5%, n=10), etc. Na sequência, no Gráfico 4, evidenciamos o contexto social em que as gírias foram habitualmente usadas. Verificou-se que no contexto social familiar, 46% (n= 82) dos alunos falam mais gírias na própria casa. Outro local onde podemos ver maior predominância das gírias é quando os alunos estão com pessoas mais próximas, percentuando 39% (n= 71), ou seja, em rodas de conversação entre amigos. E por último, 5% (n= 10) dos entrevistados se sentem a vontade em falar gírias com parentes, conforme demonstrado abaixo:

**Gráfico 3.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável gírias mais utilizadas.



Fonte: Criados pelos próprios autores.

**Gráfico 4.** Perfil dos estudantes da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, segundo variável contexto social das gírias faladas.



Fonte: Criados pelos próprios autores.

Vale ressaltar que para Labov “valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação”. Assim, “se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística.” (Labov, 2008, p. 290). Desta forma, é normal que o uso de gírias faladas por uma determinada comunidade pertencente a classes sociais diferentes, revele estigmas dessa sociedade.

Diante de tudo que já foi dito até o momento e de todas as variáveis aqui explanadas, sentimos a necessidade de retomar o conceito de funcionalismo, para então podermos discutir melhor o contexto social em que a gíria é utilizada. O funcionalismo busca descrever a língua como mecanismo das interações sociais, estudando-a a partir do seu uso, em eventos comunicativos. Nas palavras de Sousa Soares, Duarte e Holanda (2021, p. 7), a linguagem é objeto da interação social entre as pessoas. Dessa maneira, seu objetivo principal, é “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (Sousa Soares; Duarte; Holanda, 2021, p. 7). Podemos ainda nos aprofundar sobre as noções do funcionalismo a partir do que diz Cunha (2008, p. 157):

[...] Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (Cunha, 2008, p. 157).

Consoante explicita o teórico, para o funcionalismo, deve-se levar em consideração a situação comunicativa (que diz respeito aos sujeitos envolvidos e aos objetivos comunicativos) e o contexto do discurso (o que incentiva os fatos língua). Em sùmula, o contexto sociocomunicativo é o que incentiva a estrutura gramatical. (Cortez, 2011, p. 65; Sousa Soares; Duarte; Holanda, 2021, p. 7). Tendo conceituado o funcionalismo, teoria que relaciona o estudo da linguagem dentro das práticas sociais, recorreremos a Alkmim (2001, p. 36), quando ela afirma que o contexto social “é um fato muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es) – se este é mais velho ou hierarquicamente superior.” Desse

modo, a linguagem será readequada ao ambiente e aos possíveis interlocutores, “por exemplo – segundo o lugar em que se encontra – um bar, em uma conferência – e até mesmo segundo o tema da conversa – foca, assunto científico. Ou seja, todo falante varia a sua linguagem segundo a *situação* em que se encontra.

Nessa perspectiva, é que Alkmim dialoga com nossos resultados, já que os alunos da escola Manoel Duarte também adequam a sua linguagem a diferentes contextos sociais, seja ele em casa, com parentes, na roda de amigos, etc. Travaglia também afirma que cada indivíduo, por meio da sua competência comunicativa, é capaz de empregar a língua nos diferentes contextos sociocomunicativos. “Portanto, este desenvolvimento deve ser entendido como progressiva capacidade de realizar a adequação do ato verbal às situações de comunicação.” (Travaglia, 2009, p. 17).

## 5. Conclusão

Em primeiro lugar destacamos a relevância dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, que permitem estudar a língua(gem) em situações reais de interação comunicativa, como foi o caso da análise do uso de gírias pelos alunos da Escola Municipal Manoel Duarte Filho. Especificamente, no contexto pesquisado, observou-se que o uso da variação linguística é uma realidade. Nesse sentido, procuramos destacar em quais situações e a partir de quais variáveis a gíria é utilizada com mais frequência.

Assim, constatamos que algumas dessas variáveis determinam ou não uma frequência maior ou menor no uso da gíria. Nos resultados, constatamos que os indivíduos do sexo feminino se mostraram mais atuantes no uso de gírias, ainda que esse resultado contrarie os achados de outros estudiosos com os quais dialogamos em nossas discussões. Quando olhamos para a variável faixa etária, verificamos que os alunos mais jovens se mostram também em evidência ao utilizar em seu cotidiano o uso de e gírias. No que se refere à variável da situação econômico-financeira dos alunos, concluímos que a classe social menos favorecida é a que mais utiliza gírias em seu cotidiano.

Por fim, ressaltamos que o estudo permite problematizar a questão do preconceito linguístico, chamando a atenção dos professores para as práticas didáticas do ensino da língua portuguesa, que envolva uma discussão sobre a variação linguística. De tal forma, a Sociolinguística permite aos futuros professores, que se tenha uma visão menos preconceituosa, incentivando-os a valorizar todas as variações e ensinar que não existe uma linguagem melhor ou pior que outra, apenas uma adequação linguística. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental quando se trata de noção sobre variação linguística como objeto de estudo. (Freire, 2012).

## Agradecimentos

Agradecimento especial ao Professor Especialista Jones Carlos de Araújo, atual diretor da Escola Municipal Manoel Duarte Filho, por ter aberto as portas da Instituição de ensino, e ter feito a ponte entre os alunos da referida escola com os universitários pesquisadores da UERN, pois, somente assim, pudemos executar esse belo trabalho, muito importante para comunidade de zona rural de Macaíba e a comunidade científica.

## Referências

- Alkmim, T. M. (2001). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Sociolinguística, 1, 21-48.
- Bakhtin, M. (1998). *Questões de Literatura e de Estética* (A teoria do romance). Editora Unesp.
- Bardini, G., Moura, F. A. & Jesus Santos, V. (2021). Variação e mudança linguística: do estruturalismo à sociolinguística. *Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos* (ISSN: 2526-3455), 5(1), 26-36.

- Bechara, E. (2004). *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. rev. e ampla. 14ª reimpr. Ed. Lucerna.
- Biderman, M. T. C. (1978). *Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Ed. Livros técnicos e científicos.
- Cegalla, D. P. (2008). *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. 48ed. rev. Ed. Companhia Editora Nacional, 2008. ISBN: 978-85-04-01411-2.
- Cortez, C. M. (2011). Formalismo x funcionalismo: abordagens excludentes? *PERcursos Lingüísticos*, Vitória (ES), 1(1) 57-77.
- Cunha, A. F. D., Costa, M. A. & Martelotta, M. E. (2008). *Manual de lingüística*, 2, 15-30. Ed. Contexto.
- Dias, A. R. F. (2008). *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. 3ed. Cortez.
- Freire, J. B. (2012). Contribuições da teoria da variação para o ensino de língua portuguesa. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, 3(2), 134-46.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ed. Atlas.
- Horton, W. & Hunt, C.L. (1981) Sociologia. Tradução de Auriphebo Berrance Simões. *McGraw-Hill do Brasil*.
- Labov, W. (2008) Padrões sociolingüísticos/William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. *Parábola Editorial*. ISBN: 978-85-88456-85-3.
- Labov, W. (1981). What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research*, 177-199.
- Lucchesi, D. & Araújo, S. (2021) *A Teoria da Variação Lingüística*. Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>.
- Mollica, C. (2003). Fundamentação teórica: conceitualização e delimitação. In.: Mollica, C. & Braga, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. Contexto, p. 9-14, 2003.
- Morelli, R. & Oushiro, L. (2019). O papel da variável sexo/gênero na variação lingüística em Piracicaba-SP. *Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP*, 27, 1-1.
- Prete, D. (2006) A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETE, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. Associação Editorial Humanitas, 4, 241-255.
- Rodrigues, L. S. & Bazenga, A. (2019). Variação lingüística dos pronomes pessoais de terceira pessoa no português falado no Brasil e na Madeira. *Estudos em variação lingüística nas línguas românicas*, 236-247. <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2544/1/Varia%C3%A7%C3%A3o%20lingu%C3%ADstica%20dos%20pronomes%20pessoais%20de%20terceira%20pessoa%20no%20portugu%C3%AAs%20falado%20no%20Brasil%20e%20na%20Madeira.pdf>.
- Silva, E. N. (2017). *Variação lingüística*. Orientador: Profª. Drª. Léia Cruz de Menezes. 2017. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). <https://repositorio.unilab.edu.br/jsui/bitstream/123456789/592/1/Evil%C3%A1sio%20do%20Nascimento%20Silva.pdf>.
- Silva, R. F. (2009). *Tá ligado? Usos e sentidos da gíria entre estudantes do ensino médio*. Orientador: Profº Dr. Moab Duarte Acioli. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Sousa Soares, N. L., Duarte, M. S. M. & Holanda, K. A. P. (2020). Estruturalismo, gerativismo e funcionalismo: novas perspectivas para o ensino de gramática da língua portuguesa na escola. In: AZEVEDO, N. D. (org.). *Estudos interdisciplinares da linguagem*, 2, E-book ISBN: 978-65-86901-14-6. <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/71977>.
- Souza, M. S. (2019). *Quatro pernas de ponte: um estudo das gírias dos tripulantes da aviação*. 2019. Orientador: Profª Dra Ana Rosa Dias. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Travaglia, L. C. (2009). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14 ed. Cortez.
- Valadares, F. B. (2011). Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. *Revista Eletrônica de Lingüística*, 5(1).
- Viana, F. C. & Alves, J. B. (2020). O uso de gírias: crenças, preconceitos e identidades. *Traços de Linguagem – Revista de Estudos Lingüísticos*. 4(1). <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4590/3776>.
- Zappaz, K. C. & Pasca, M. A. S. (2021). Relevância de variáveis lingüísticas e sociais no uso de gírias entre adolescentes de uma escola da rede pública de Canoas/RS. *SEFIC 2020*.